

A TOPOGRAFIA HISTÓRICA DE MÉRTOLA NA ANTIGUIDADE TARDIA

VIRGÍLIO LOPES*

Resumo: O presente trabalho inscreve-se numa linha de investigação arqueológica que tenho vindo a desenvolver, desde 1990, no Campo Arqueológico de Mértola (C.A.M.). Os resultados são fruto de diversas campanhas de escavação que tenho levado a cabo como corresponsável, integrado na equipa da instituição e que, de uma forma ininterrupta, em muito têm contribuído para o conhecimento da cultura material e da topografia histórica da cidade de *Myrtilis* e do seu território na Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: Batistérios; Complexo religioso; Antiguidade Tardia; Mértola.

Abstract: The theme of the present work is part of an archaeological research that I have been developing since 1990 in Mértola's Archaeological Centre.

The results are the outcome of several archaeological excavations I have carried out as co-responsible, integrated into the institution's team, and that has greatly contributed, on a continuous basis, to the knowledge of the material culture and historical topography of the city of *Myrtilis* city and its territory in Late Antiquity.

Keywords: Baptistry; Religious Complex; Late Antiquity; Mértola.

* Campo Arqueológico de Mértola – Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património. Bolseiro Pós Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. virgilioamlopes@sapo.pt.

INTRODUÇÃO

A história do burgo de Mértola foi, desde sempre, fortemente condicionada por dois factores que moldaram a sua ocupação e a sua importância ao longo do tempo. Em primeiro lugar, a sua localização estratégica: implantado no topo de uma elevação ladeada pelo rio Guadiana, a nascente, e pela ribeira de Oeiras, a poente, possuía excelentes condições naturais de defesa. Em segundo, o ser ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana: a montante da vila, o acidente geológico do Pulo do Lobo, com um desnível de catorze metros, impede a progressão de embarcações para norte, pelo que Mértola adquire importância fundamental como último porto de acostagem. Esses factores tornaram-na num importante entreposto mercantil, em permanente contacto com um vasto território interno e com o Mar Mediterrâneo. Pelo porto da cidade escoavam-se, por exemplo, o ouro, a prata e o cobre extraídos das entranhas da faixa piritosa ibérica, em particular os minerais provenientes das minas de S. Domingos, localizadas na margem esquerda do Guadiana, de *Vipasca* (Aljustrel) ou dos «chapéus de ferro», explorados na zona a Oeste de Mértola. E, claro está, ao porto arribavam as gentes de mil paragens e os mais diversos produtos e artefactos (Fig. 1). Mértola foi, sem dúvida, o porto de *Pax Iulia*, e possivelmente, na Antiguidade Tardia o porto de Mérida.



Fig. 1.
Vista geral de
Mértola e do Rio
Guadiana.

I. A CIDADE

O urbanismo de Mértola foi fortemente condicionado pela situação topográfica pré-existente. A vertente virada ao rio Guadiana implicou que, do lado nascente e sul, se criasse uma estrutura de contenção das construções urbanas. Inevitavelmente, a topografia original levou a que destes lados se tivesse que proceder à construção

de fortes muros para suster e criar plataformas habitáveis que, simultaneamente, constituíam o sistema defensivo da cidade.

A muralha atual tem um perímetro de cerca de 1.291 m e abarca uma área de cerca de 50.000 m², ou seja, aproximadamente 5 hectares. Neste recinto são identificáveis quatro acessos que devem corresponder às portas existentes desde os tempos romanos¹.

Na Antiguidade Tardia, *Myrtilis* manteve a sua importância económica e vocação mercantil. Os dados arqueológicos revelam que a atividade do porto de Mértola não decaiu e, a atestá-lo, estão as diversas importações de cerâmicas do Mediterrâneo oriental. A cidade, em si mesma, era a placa giratória das riquezas comerciais e minerais, que atravessavam o território em carroças ou no dorso de animais e, já embarcadas, desciam até ao mar e daí aos portos mediterrâneos. No sentido inverso chegavam mercadorias exóticas, múltiplos artigos provenientes de outras paragens, bem como outras gentes, com as suas linguagens, cultos e culturas. Este constante vaivém trouxe os primeiros evangelizadores e a nova mensagem começou a florescer entre os patrícios e plebeus da *Myrtilis* romana, numa época em que o culto se oficializava e as várias comunidades religiosas podiam conviver simultaneamente.

As referências documentais da cidade e do seu sistema de defesa são escassas e resumem-se à Crónica de Idácio que refere que «Censorius comes, qui Legatus missus fuerat ad Sueuos, rediens Martyli, obsessus a Rechila in pace se tradidit»². O texto permite deduzir a existência de uma fortificação importante em Mértola, em 440 que, ao ser escolhida por *Censorius* como refúgio, demonstra a capacidade para resistir, durante algum tempo, ao cerco de Requila. A presença sueva, referida por esta fonte, deve ter sido efémera, não tendo ficado qualquer vestígio arqueológico que o demonstre nem registo epigráfico que o ateste.

Os edifícios religiosos

No que se refere à arquitetura religiosa, durante os séculos V-VI d.C., procedeu-se à construção fora de portas, no *suburbium*, das basílicas paleocristãs do Rossio do Carmo, do sítio da Ermida de Santo António e do Mausoléu. Na zona da antiga acrópole, as construções do possível *forum* são, na mesma época, remodeladas e adaptadas às novas necessidades criadas com a introdução do Cristianismo tendo, na parte oeste da plataforma sido erguido um complexo de edifícios para albergar dois monumentais batistérios. Para além das sumptuosas piscinas batismais, chegaram até aos nossos dias vestígios dos pavimentos adornados com painéis de mosaicos

¹ LOPES, 2012.

² IDACIO, 1984: 82.

onde não faltava a policromia dada pelas tesselas de vidro ou pelos vestígios dos frescos que chegaram até nós. A qualidade e a quantidade das edificações correspondem, seguramente, a um forte momento de cristianização da população local.

O complexo religioso

A plataforma, onde está implantado o complexo religioso e o corredor porticado, é suportada por uma construção subterrânea designada por criptopórtico-cisterna. A descoberta desta construção foi feita no início do século XVI, por Duarte de Armas que anota no seu «Livro das Fortalezas» o seguinte: «aqui esta huã abobada atopida muyto booa»³.

Os trabalhos de escavação levados a cabo pelo C.A.M., em finais dos anos setenta do século XX, no interior desta estrutura, que «foi minuciosamente desentulhada durante cinco anos»⁴, revelaram uma galeria com um papel essencialmente estrutural, de contenção e suporte da plataforma de implantação do forum. Assim, no seu lado norte, para suportar maiores pressões numa amplitude mais vasta, o desnível era compensado por um criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e alturas médias de, respetivamente, 2,70 e 5,80⁵. Equaciono, contudo, que esta galeria teve, no início, várias funções: serviu como elemento estruturante de apoio e sustentação do complexo religioso, integrou o sistema defensivo da cidade e funcionou como local de armazenamento de mercadorias, dadas as temperaturas amenas do interior da galeria durante os meses de Verão.

Nos últimos trinta anos, as escavações da Acrópole puseram a descoberto um conjunto de construções do complexo religioso. Este é constituído pela sala do batistério, um compartimento anexo, situado a norte, uma passagem em cotovelo e um espaço que ladeia a abside; a sul e a norte é delimitado por um compartimento de planta basilical e uma galeria porticada. Este complexo batismal implantou-se na parte noroeste da plataforma artificial onde se teria possivelmente localizado o *forum* da cidade de *Myrtilis*.

Este grande edifício, de planta retangular, continha no seu interior um batistério octogonal implantado no centro de um tanque ou piscina rodeado por um deambulatório. Partindo do espaço central abre-se a leste uma abside de planta em arco ultrapassado onde marcas no solo indicam a possível localização de uma mesa de altar. O pavimento da galeria porticada e o deambulatório estavam cobertos por um belo tapete de mosaicos, do qual se conservam alguns fragmentos.

³ BRANCO, 1997: 6.

⁴ TORRES & SILVA, 1989: 31.

⁵ TORRES & OLIVEIRA, 1987: 618.

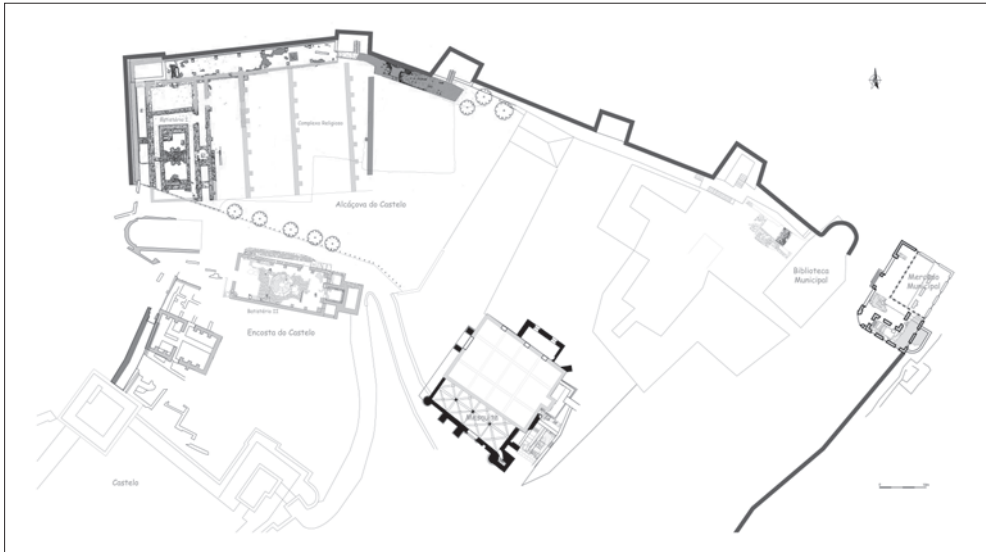


Fig. 2. Planta do complexo religioso.

A pia batismal, com um ressalto em degrau que serviria de assento, é sustentada pelo exterior por oito pequenos absidiólos. A água trazida da encosta do castelo penetrava na pia por uma canalização de chumbo e jorrava no alto de um pequeno pináculo cravado no centro. Alguns lances de degraus permitiam o acesso ao tanque e à pia batismal completamente revestidos com placas de mármore e envolvidos por uma cancela.

Este batistério tem algumas semelhanças técnicas e formais com exemplares da França mediterrânica, do Norte da Itália e de Cartago na Tunísia – todos datados entre os séculos IV e VII. Contudo, é no batistério de Ljubljana (Emona, Eslovénia) que são mais notórias as semelhanças construtivas, tendo os autores que estudaram este conjunto batismal e o pórtico anexo, situado a sua cronologia por volta do século V d.C.. Na costa italiana da Ligúria um complexo batismal, também com elementos semelhantes ao de Mértola, é atribuível a meados do mesmo século (Fig. 2).

Associado ao espaço batismal existe um significativo conjunto musivo, de que fazem parte várias representações mitológicas entre as quais, é de realçar no deambulatório do batistério, um Belerofonte cavalgando o Pégaso para matar a Quimera e, no longo corredor porticado, dois leões afrontados e várias cenas de caça com um cavaleiro empunhando um falcão⁶. Procurando os paralelos para estas representações, não podemos deixar de referir uma pequena capela perto de Hergla, na Tunísia, onde foi descoberto um mosaico em que também são representados dois

⁶ LOPES, 2003.



Fig. 3.
Mosaicos do
complexo religioso.

leões afrontados e uma cena de caça com falcoaria, conjunto datado do século VI d. C. (Fig. 3).

Não é de excluir que tenha sido a mesma equipa de mosaístas, oriundos certamente do Mediterrâneo oriental, a executar todo este trabalho. Se a falta de paralelos bem datados inviabiliza uma cronologia segura, leituras estratigráficas e traços estilísticos permitem atribuir esta obra à primeira metade do século VI d.C. Nessa época, a cidade de *Myrtilis* e os seus comerciantes, estão em contacto com todos os portos do Mediterrâneo nomeadamente com o Próximo Oriente de onde são originários vários personagens sepultados na Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo.

Batistério II

Nos meses de junho e julho de 2013 a equipa do CAM iniciou uma escavação arqueológica na encosta do Castelo de Mértola, que tinha como objetivo a compreensão da sequência ocupacional daquela área. O edifício, onde se insere esta estrutura octogonal, encontra-se em fase de escavação, no entanto, os elementos existentes permitem-nos estimar as suas dimensões interiores: comprimento máximo 23 m e largura 7,75 m.

A piscina tem uma largura exterior máxima de 4,80 m, a profundidade máxima é de 1,52 m, sendo de 1,16 m de profundidade até ao orifício do desaguio. Interiormente, estrutura-se em degraus com distinta altura, sendo o fundo constituído por duas placas de mármore que formam um octógono irregular (Fig. 4).

A quantidade de fragmentos de frescos, recolhidos nos estratos de derrubes, leva a equacionar um programa pictórico em que na composição se destacam figuras humanas, motivos geométricos e florais, e eventuais símbolos. Apesar de



Fig. 4.
Baptistério II.

estar longe de entender a totalidade do programa pictórico, podem ser avançadas algumas considerações: a primeira que nos parece evidente trata-se da pigmentação em tom de azul que, certamente, representa o céu e que teria um lugar central. Seguem-se as representações humanas, das quais apenas chegaram até nós três rostos perceptíveis, e um desenho de uma face sumariamente delineada, da qual só se conservam o desenho dos olhos e do nariz. Apesar de não se conhecer o programa decorativo, os restos identificáveis parecem assemelhar-se aos programas pictóricos das pinturas das catacumbas de Roma⁷ ou com os frescos do Batistério de Barcelona. Estes últimos foram encontrados nas proximidades da piscina do batistério, conservados atualmente no Museu de História de Barcelona, datados arqueologicamente da segunda metade do século VI d.C.⁸

As dimensões da piscina só têm paralelo no batistério de Marselha e ultrapassam claramente os exemplos de Liubiana ou Barcelona, para referir os que mais se assemelham ao caso de Mértola, sendo de salientar que o batistério de Barcelona também estava decorado com frescos.

Em termos de ato batismal existem duas possibilidades documentadas em Mértola. A este respeito C. Godoy Fernández refere: «Desde épocas paleocristãs, a tradição antiquíssima das primeiras comunidades tinha mostrado sempre uma predileção pela imersão completa dos catecúmenos que, naquele tempo, se realizava em fontes de água viva, imitando o baptismo de Jesus no Jordão. Mas também em épocas mais recentes se autorizou o rito de aspersão em caso de não se dispor de

⁷ BOURGUET, 1965; NICOLAI *et al.*, 2000.

⁸ ALBIOL LÓPEZ, 2013: 164.

melhores condições»⁹. E existem também casos, segundo esta autora, em que o ritual poderia ser misto.

O templo anterior à mesquita

A atual Igreja Matriz está situada no limite nascente da plataforma artificial contígua ao complexo batismal e foi cristianizada com a reconquista cristã, em 1238, quando Mértola foi conquistada pelas hostes de Santiago de Espada. Os novos senhores não promoveram novas construções, mais uma vez se reaproveitaram as edificações existentes, reaproveitando as estruturas do antigo castelejo, e se cristianiza a Mesquita, dedicando-a a Santa Maria¹⁰.

A escavação, realizada na parte exterior do monumento, revelou uma estrutura monumental, constituída por silharia de granito reaproveitada, com cerca de 2 m de altura. Estas estruturas foram interpretadas como sendo de uma construção, anterior à mesquita. A escavação ainda revelou um espaço retangular, que se destaca do muro paralelo à mesquita, e que foi interpretado como sendo uma abside¹¹.

Fora desta plataforma onde foi feita a escavação, foi analisado o paramento da estrutura que está na base da atual igreja e constatou-se que este era construído com recurso a silharia de granito, dispostos em fiadas regulares. Com os dados de que disponho coloco a hipótese de se tratar do limite nascente de um edifício, de planta simples, com uma abside retangular, colocada ao centro. Tratar-se-ia de uma construção com cerca de 14 m de largura interior, dos quais 2,5 metros seriam ocupados pela abside; suponho que o limite norte da construção seria coincidente com o atual muro da igreja e com um comprimento a rondar os 20 m.

Pela análise dos materiais epigráficos e arquitetónicos, provenientes das várias obras feitas no edifício e nas imediações, pode-se inferir a existência de vários momentos construtivos. Um primeiro edifício, possivelmente um templo dedicado ao culto imperial, atendendo à epigrafia e aos elementos arquitetónicos aí encontrados, poderá ter estado em funções até aos inícios do século IV. Com a proclamação do cristianismo como religião oficial do estado, certamente o templo sofreu transformações, mas desconhecemos o programa arquitetónico. Contudo a descoberta, no local, de algumas impostas e um cimácio leva a considerar a existência de um templo cristão no século VI – VII naquele local.

⁹ GODOY FERNÁNDEZ, 1989: 607-635.

¹⁰ BOIÇA & BARROS, 2011: 33.

¹¹ GÓMEZ MARTÍNEZ, 2011: 103.

II. O SUBURBIUM

Os principais locais de enterramento da Antiguidade Tardia situavam-se fora de portas, no *suburbium*, junto às principais vias de ligação a *Pax Iulia*.

Os dados referentes aos espaços de culto funerário da Antiguidade Tardia, que foram descobertos na antiga cidade de *Myrtilis*, advêm, essencialmente, dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em monumentos que se encontram, atualmente, em situações distintas de conservação e usufruto: em primeiro lugar, a necrópole da Achada de S. Sebastião e a basílica paleocristã do Rossio do Carmo – ambos os casos foram escavados, musealizados e realizado o respetivo estudo monográfico; em segundo lugar, dois sítios de escavação situados na Rua Afonso Costa, um no subsolo da antiga ermida de Santo António, dita dos Pescadores, onde atualmente se encontra o Cineteatro Marques Duque e ainda o mausoléu.

O mausoléu

Nos anos de 2008 e 2009, as intervenções arqueológicas levadas a cabo no eixo comercial da Vila de Mértola revelaram uma imponente construção. O monumento corresponde a uma construção com um comprimento máximo de 14 m e uma largura de 9,5 m, conservando as criptas alçados com uma altura máxima que rondava 1,78 m e, nas paredes, a cerca de 1,4 m de altura, foram observados vestígios do arranque de duas abóbadas de berço. As criptas possuíam, a nível dos pavimentos, quatro sepulturas de contornos retangulares, com uma orientação nascente-poente. Na parte central da cripta conserva-se uma sepultura intacta, coberta por uma argamassa em *opus signinum*, semelhante aos enterramentos coevos de Mértola.

Os elementos de arquitetura decorativa de grandes dimensões, como um cimácio e um fragmento de coluna, bem como a considerável dimensão das estruturas associadas às criptas, levam a colocar a hipótese de que, pudesse haver um segundo piso cujo acesso poderia ser feito pelo exterior, na parte norte das estruturas. Das camadas de revolvimento, existentes no interior das criptas, verificou-se a existência de argamassa com vestígios de pintura e restos de mosaico.

As informações epigráficas de que dispomos (um epitáfio em grego e outro em latim) apontam para dois enterramentos de jovens adultos, um masculino, com o nome Pedro e com 18 anos de idade, e um outro, do qual não se conhece o nome, que viveu 17 anos, apontam para uma ocupação do espaço situada pelo menos entre os anos 522 (?) e 566¹².

¹² LOPES, 2014.

Basílica do Cineteatro

A mais antiga referência histórica a este edifício provém da obra de Estácio da Veiga, intitulada *Memórias das Antiguidades de Mértola*, publicada em 1880. O autor refere o «limitado reconhecimento que empreendi junto à valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo Antonio»¹³ e terem ali aparecido três epitáfios funerários, gravados em placas de mármore.

As intervenções arqueológicas desenvolvidas no local no século XXI, contribuíram para a identificação das paredes que, possivelmente, delimitavam o edifício e o dividiam, interiormente, em três naves, tendo a nave central, mais larga, no seu eixo central interior, uma abside. Pelos vestígios observados, depreendo a existência de um templo com dimensões que rondariam os 22 m de comprimento e os 15 m de largura, com a nave central com cerca de 6 metros de largura e as naves laterais com 4 m de lado. O espaço coberto deveria rondar os 330 m². A proposta planimétrica que apresento, de uma igreja com três naves e duas absides afrontadas, baseia-se na probabilidade de estarmos em presença de um templo relativamente simétrico e compartimentado interiormente, como a maior parte dos edifícios religiosos coetâneos.

A escavação arqueológica não nos permitiu saber quando é que a basílica e a necrópole deixaram de funcionar, contudo, apesar das indicações epigráficas nos remeterem para um intervalo situado entre 465 e 518, é perfeitamente admissível que a sua construção se iniciasse em meados do século V, tendo-se prolongando a sua utilização pelas centúrias seguintes.

A Basílica do Rossio do Carmo

Este local foi utilizado como necrópole na Idade do Ferro e no período romano e supõe-se ter existido nesta zona uma área cemiterial desde o século IV a.C., hipótese sustentada pela lápide funerária que estava a ser reutilizada e servia de tampa de uma sepultura paleocristã com «escrita do sudoeste», encontrada nas obras efetuadas em 1993. Posteriormente, o Rossio do Carmo teve uma necrópole de inumação (a partir do final do século I d. C.). A localização junto à via enquadra-se dentro de numa prática comum que estabelecia que, ao passar pelo local dos enterramentos cada um devia prestar constantes homenagens aos seus falecidos antepassados. Esta zona cemiterial antecede a futura basílica ocupando as sepulturas, já no século V, uma área considerável da zona onde se implantaria o templo. Segundo Manuela A. Dias, as inscrições funerárias encontradas no local

¹³ VEIGA, 1983, 117.

permitem com segurança, atestar uma ocupação contínua entre, pelo menos, os anos 462 e 729 d.C.¹⁴.

Tratava-se de uma igreja de três naves, com sete tramos separados por colunas e com duas absides contrapostas, semicirculares e que eram ressaltadas em relação ao corpo do edifício.

Segundo aquilo que os vestígios arqueológicos permitem calcular, a basílica teria cerca de 31,5 m de comprimento por 16 m de largura interior, sendo o comprimento máximo das naves laterais 23,8 m.¹⁵ . Quanto aos sistemas construtivos trata-se de um edifício em alvenaria de pedra argamassada, com espessas camadas de reboco de cal.

Este edifício revela uma funcionalidade funerária em quase todo o espaço interior, bem como nas áreas adjacentes, onde se localizam sepulturas em fossa, escavadas na rocha. A cobertura destes túmulos era feita com *opus signinum* e, em alguns casos, identificados com uma lápide funerária. O conjunto de lápides estudadas por Manuela A. Dias revela não só questões de natureza cronológica ou estilística mas, também, dados de natureza social e geográfica. Através do seu estudo ficou provada a presença em Mértola de várias comunidades humanas oriundas de todo o Mediterrâneo¹⁶.

CONCLUSÕES

Os vários edifícios cristãos de Mértola levam-nos a pensar na existência de uma população numerosa, pois durante o século V-VIII, os casos apontados coexistem em termos da topografia histórica, e a sua extensão espacial aponta para uma relativa dimensão das comunidades de crentes que deles usufruíam. Na igreja do Rossio do Carmo, como constatou Manuela A. Dias, foi sepultado um indivíduo referenciado como «primeiro cantor» da igreja de Mértola. A dimensão e importância que esta comunidade de fiéis teria então nesta localidade está documentada epigraficamente desde 489 com o Presbítero *Satyrio*, até 729 com o Clérigo *Adultheus*.

A juntar a este dado cultural e institucional, destaca-se o programa formal e a qualidade artística do conjunto musivo do baptistério e estruturas anexas, a partir das quais se pode refletir sobre o poderio económico e ligações comerciais e culturais das classes dominantes de então com as civilizações da bacia do Mediterrâneo, onde classicismo, orientalismo e cristianismo se encontram num constante

¹⁴ DIAS & GASPAR, 2006: 135.

¹⁵ MACIAS, 1993: 39.

¹⁶ DIAS, 1993: 103.

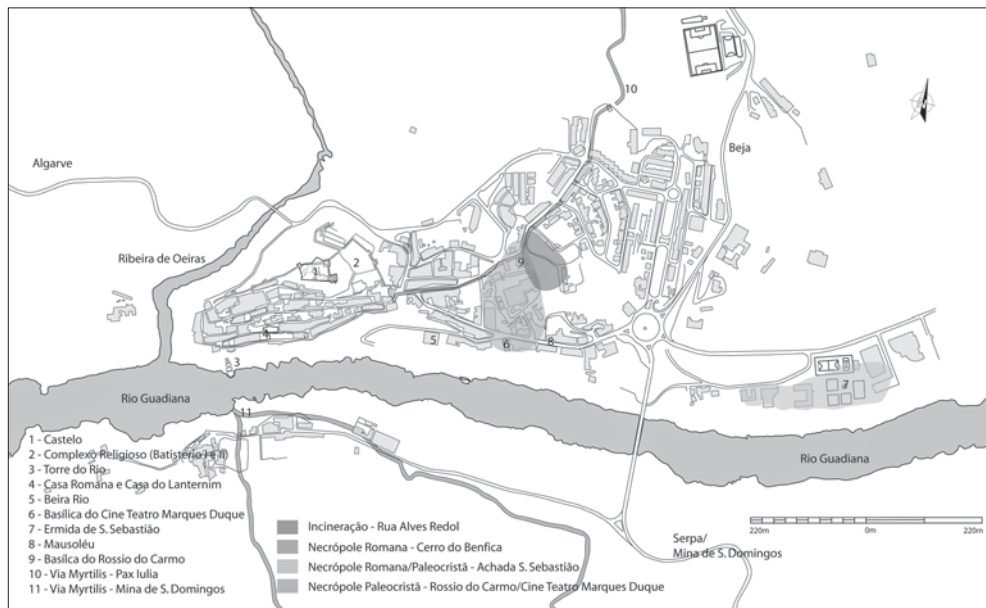


Fig. 5. Planta geral da topografia histórica de Mértola.

processo de trocas e segmentações multiculturais. Não podemos deixar de notar a capacidade de relacionamento atestada em Mértola, desde os primeiros séculos da nossa Era, entre várias comunidades religiosas (Fig. 5).

Conhecemos relativamente bem os espaços funerários, a grande basílica do Rossio do Carmo, a do cineteatro e ainda o mausoléu, templos que albergavam enterramentos no seu interior e no espaço envolvente. Estes locais proporcionaram um importante acervo epigráfico, testemunho de uma elite, onde se incluem epitáfios em latim, em grego e também com simbologia hebraica. A cidade de *Myrtilis* foi uma importante urbe que a partir da segunda metade do século V e durante os séculos VI-VII gozou de prosperidade como o traduzem os vestígios arqueológicos postos a descoberto nas últimas décadas, e que continuam a surpreender-nos com novos achados.

Não posso deixar de terminar este texto sem deixar uma nota pessoal pois é sempre uma satisfação vir ao Porto, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, local onde estudei e cresci... e que tive a sorte de conhecer e ser aluno do professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, no distante ano letivo de 1986/7... E com esta comunicação/texto pretendo homenagear o Mestre mostrando aquilo que andamos a fazer a nível arqueológico em Mértola.

Em segundo lugar, ter tido como presidente da sessão uma amiga de longa data, a Doutora Maria de Jesus Sanches. A sua mãe, a tia Adelina, ajudou-me a nascer. A Maria de Jesus ensinou-me a ser arqueólogo...

BIBLIOGRAFIA

- ALBIOL LÓPEZ, E. (2013) – *Una Pintura De Sostre De L'antiguitat Tardana Al Batisteri De Barcelona*, «Quarhis Quaderns D'arqueologia I Història De La Ciutat De Barcelona», Epoca II, Núm. 9, p. 164-183.
- BOIÇA, J. & BARROS, M.F.R (2011) – *A Igreja Matriz De Mértola*. In MACIAS, S., et al., *Mesquita Igreja de Mértola* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 33-88.
- BOURGUET, P. (1965) – *La Peinture Paléo-Chrétienne*, Port Royal, 3, Suíça.
- BRANCO, M. S. C. (1997) – *Duarte de Armas Livro das Fortalezas*, Edição Fac-Similada Ms 159 Da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (2ª Ed.). Lisboa.
- DIAS, M. M. A. (1993) – *Epigrafia*, In MACIAS, S., et al., *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 102-138.
- DIAS, M. M. A. & GASPAS C. (2006) – *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português* (Ciptp), Centro de Estudos Clássicos UL, Lisboa.
- DIAS, M. M. A.; GASPAS, C.; LOPES, V. (2013) – *Mértola En La Antigüedad Tardía: Nuevos Datos Arqueológicos y Epigráficos*, «Habis» 44, Universidad de Sevilla, p. 247-267.
- GODOY FERNÁNDEZ, C. (1989) – *Baptistérios Hispánicos (Siglos IV al VIII): Arqueología y Liturgia*. «Actes Du XIe Congrès International D'archéologie Chrétienne» (Vol. 1, Rome: Ecole Française, p. 607-635.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (2011) – *Intervenção Arqueológica na Mesquita-Igreja Matriz de Mertola*, In MACIAS, S., et al., *Mesquita Igreja de Mértola* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 89-104.
- IDACIO (1984) – *Idacio, Obispo De Chaves, Su Cronicón*. (Introducción, Texto Crítico, Versión Española y comentario por Julio Campos, Sch. P.). Salamanca: Ediciones Calasancias.
- LOPES, V. (1993) – *Materiais Arqueológicos*, In MACIAS, S., et al., *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, p. 66-100.
- (2003) – *Mértola Na Antiguidade Tardia*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- (2008) – *O Edifício Religioso Da Antiguidade Tardia*, In GÓMEZ MARTÍNEZ, S., *Alcáçova do Castelo De Mértola 1978-2008 Trinta Anos De Arqueologia*, Câmara Municipal de Mértola, Mértola, p. 11-21.
- (2014) – *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidade de Huelva. Dissertação de Doutoramento. Disponível em <<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/8053>>, [Consulta realizada em 29/8/2016]
- MACIAS, S. (1993) – *Um Espaço Funerário*. In MACIAS, S., et al., *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, p. 30-62.
- (2006) – *Mértola – O Último Porto Do Mediterrâneo*, 3 Vols., Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- MACIAS, S. & TORRES, C. (2011) – *Mesquita de Mértola*. In MACIAS, S., et al., *Mesquita Igreja De Mértola* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 9-31.
- MACIEL, M. J. (1996) – *O Livro V De Architectura de Vitruvio*. In MACIEL, M. J. *Homenagem Ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa: Colibri, p. 325-326.
- TORRES, C. & OLIVEIRA, J. C. (1987) – *O Criptopórtico-Cisterna da Alcáçova de Mértola*. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española, Madrid, 1987*. Madrid: [Comunidad de Madrid] T. II, p. 617-626.
- TORRES, C. & SILVA, L. (1989) – *Mértola Vila Museu*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- VEIGA, E. (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*, Edição Fac-Similada de 1880, Lisboa, Imprensa Nacional/Câmara Municipal de Mértola.

